

**O cooperativismo e seu papel no processo de desenvolvimento local:
experiências no médio norte de Mato Grosso¹**

*The cooperativism and its role in the process of local development: The
experiences in the middle North of Mato Grosso State*

Miguelangelo Gianezini
miguelangelo@faculdadeuniverde.edu.br

Resumo

O artigo procura demonstrar, de forma sintética, a influência cooperativa no processo de desenvolvimento local e humano, nos planos socioeconômico e político, no médio norte mato-grossense. Buscou-se identificar as cooperativas agrícolas presentes na região e qual a sua importância para o desenvolvimento local, apontando as experiências bem e mal sucedidas, além de verificar se a cooperativa permitiu destaque (econômico, político ou social) às pessoas na sociedade local, possibilitando a qualificação e aperfeiçoamento para a liderança econômica, empresarial e de mercado.

Palavras-chave: Cooperativismo, desenvolvimento local, qualificação, Mato Grosso.

Abstract

This article focuses on the demonstration, in a synthetic way, the influences of the cooperativism in the process of local and human development at middle north of Mato Grosso State. For that purpose, it identifies the agricultural cooperatives located in this region, and their contribution for the local development, pointing out the well and badly succeeded experiences, as well, it verifies if the cooperative allowed prominence (economic, social, or political) the people in the local society, made possible the qualification and perfecting for the economic, enterprise or market leadership.

¹ Este artigo baseia-se em trabalho final, apresentado pelo autor na disciplina de Doutrina e Direito Cooperativo do PPGCS da UNISINOS.

Keywords: Cooperativism, local development, qualification, Mato Grosso.

Introdução

O presente artigo procura demonstrar, de forma muito sintética, qual o papel que a cooperativa e o cooperativismo podem desempenhar no processo de desenvolvimento local e humano nos planos socioeconômico e político em novas fronteiras agrícolas do Brasil, como ainda é o caso do médio norte mato-grossense.

Pretende-se fazer isto identificando quais são as cooperativas agrícolas² presentes na região, verificando qual a importância que elas tiveram ou ainda têm para o desenvolvimento da mesma e apontando as experiências bem e mal sucedidas.

Já no âmbito pessoal, tenta-se ainda verificar se a cooperativa permitiu a algumas pessoas chegarem a uma posição de destaque (econômico, político ou social) na sociedade local; e/ou possibilitou a qualificação e aperfeiçoamento para a liderança econômica, empresarial e de mercado.

Desenvolvimento e cooperativismo

Inicialmente, para tratar do objeto deste artigo, foi preciso compreender, âmbito do desenvolvimento, a natureza do mesmo e sua relação com as realizações materiais, as capacidades, a expectativa de vida ou direitos humanos, que está intrinsecamente vinculada às oportunidades de escolha que permitem a cada pessoa levar a vida que gostaria.

Desta forma, as escolhas não dependeriam necessariamente do acúmulo de riquezas obtido, mas sim do acesso às informações e do grau de cooperação que existe entre os membros de uma comunidade. A importância do cooperativismo no mundo hoje reside no fato de que ele é uma organização capaz de mudar comportamentos, atuar com outra racionalidade, e condicionar novos hábitos, ações, posturas e regras.

Assim, genericamente, o desenvolvimento econômico e social pode também ser entendido como forma de promover melhores condições de vida para a população. O

² Não serão estudados outros tipos de cooperativa, pois a região, até início dos anos noventa, era essencialmente agrícola.

desenvolvimento assim entendido por diversos autores (Santos, 2002), inspira-se nos valores que enaltecem a condição humana da igualdade, da equidade e da cidadania, com a inclusão plena dos setores marginalizados na produção e repartição dos resultados do desenvolvimento.

Cabe destacar que esta teoria não rejeita a idéia de crescimento econômico, mas lhe impõe limites, subordinando-o a imperativos não econômicos. Seu caráter coletivo fortalece processos de construção de poder comunitário cujos efeitos de iniciativas econômicas populares podem contrariar as causas estruturais da marginalização e atingir a esfera política (ibid. p.44-57)

Os aspectos teóricos na discussão da sustentabilidade remetem ao conceito de desenvolvimento social e humano entendido como promoção do bem-estar. Muitas vezes, os autores que estudam essas questões, segundo Midgley (1995, *in* Maia, 2006), dão fundamentalmente ênfase ao desenvolvimento com a sua universalidade e abordagem macro, efetuando apenas referências tangenciais ao desenvolvimento econômico, centradas na filantropia ou nas atividades básicas de assistência social.

Assim, observando estas considerações iniciais, passa-se a apresentação das cooperativas e suas experiências.

As Pioneiras: dois exemplos, duas histórias.

No início da década de setenta, migrantes oriundos da região de Tenente Portela-RS, estabeleceram-se em Canarãna-MT. Tratava-se de um novo assentamento de agricultores na então considerada nova fronteira agrícola do Brasil³. Em 1975, alguns desses migrantes fundam a Coopercana (Cooperativa de Canarãna LTDA).

O surgimento desta cooperativa e de outras mais agregou, em sua origem, os requisitos que as definem enquanto cooperativas, uma vez que:

Será considerada como sociedade cooperativa, qualquer que seja sua estrutura legal, toda associação de pessoas ou de sociedades que tenha por objetivo a melhoria

³ A título de esclarecimento, procurou-se delimitar aqui o médio norte de Mato Grosso como sendo “a nova fronteira agrícola”.

econômica e social de seus membros por meio da exploração de uma empresa, baseada na ajuda mútua e nos princípios cooperativos, tal como foram estabelecidos pelos pioneiros de Rochdale e reformulados pelo 23o congresso da ACI. (Schneider, 1994, p.11)

Inicialmente, a produção dos associados era vendida para o governo a um preço mínimo. Neste período, foi apostado no arroz como principal cultura, e havia uma produtividade de 20 sacos p/hect. Infelizmente, essa produtividade foi considerada baixa, já que hoje já são colhidos 80 sacos p/hect em Mato Grosso. Mesmo havendo assistência técnica à disposição dos associados, pesou também o fato de que o arroz não é um produto de exportação brasileiro e está sujeito às oscilações do mercado.

Apesar dessas dificuldades, a cooperativa conseguiu ampliar a assistência técnica e oferecer a seus associados juros subsidiados. O resultado disto foi uma expansão para os municípios de Nova Xavantina e Querência, além de promover um novo assentamento de produtores no distrito de “Ana Terra”, Município de Tapurah.

Todavia, no final dos anos oitenta, sucessivos problemas levaram a decadência da Coopercana.

O primeiro problema foi o despreparo dos próprios associados, que, na medida em que obtinham incentivo e subsídio do governo federal através da cooperativa, adquiriam grandes propriedades. Para agravar a situação, estas novas propriedades adquiridas possuíam, no mínimo, o dobro do tamanho daquelas que os associados estavam acostumados a lidar no Sul do Brasil. Depois, vieram outros problemas, como a falta de tecnologia para o domínio do cerrado, a ausência de infraestrutura e a necessidade de correção do solo.

Isto terminou por gerar um grande passivo e, conseqüentemente, inadimplência, que levou ao fracasso do projeto e ao encerramento das atividades da Coopercana em 1992.

A segunda experiência abordada é a da Cooamiti (Cooperativa Agrícola Mista de Diamantino LTDA).

A Cooamiti surge em 1977, e passa a ser auxiliada financeiramente pelo extinto BNCC, Banco Nacional de Crédito Cooperativo.

Isto só não serviu de impulso para que a cooperativa seguisse os princípios cooperativistas, porque os sócios com “voz ativa” eram justamente os grandes produtores, que se utilizavam da Cooamiti para ter acesso às facilidades de crédito. Os mesmos também possuíam contatos políticos que acabavam favorecendo-os na hora da liberação dos

financiamentos.

Ao ingressar em uma cooperativa, é normal que o associado procure atender a objetivos imediatos e individuais, onde através da cooperação visa satisfazer e suprir carências que de forma individual não conseguiria atender mediante a concorrência do mercado. Porém não é normal que a cooperativa o mantenha durante anos seguidos nesta atitude individualista e competitiva [...] será um simples cliente da cooperativa (Schneider, 1994, p. 18).

Infelizmente, como não foi tomada nenhuma atitude para a reversão desta situação, este grupo de grandes produtores se apossou da liderança da cooperativa e promoveu o seu crescimento somente enquanto havia financiamento e subsídios. Quando as dívidas começaram a vencer, estes mesmos associados trataram de se afastar inicialmente do comando e depois da própria cooperativa.

[...] na medida em que haja um crescimento empresarial da cooperativa, haverá uma tendência de afastamento da liderança em relação às suas bases. No entanto não se deve supor a existência de um grupo de associados que se apossa da direção da empresa, com o objetivo de manter tão somente seus objetivos (Panzutti, 2001, p. 12).

Isto ajuda a compreender que o processo de falência da Cooamiti que, mergulhada em dívidas e sem apoio, encerra suas atividades em 1981.

Anos oitenta: uma nova e importante fase

A partir dos anos oitenta, Mato Grosso passa a ser apontado como um dos estados com maior possibilidade de prosperidade agrícola do país. Atenta a este fato, a Coopervale (Cooperativa do Vale do Piquiri LTDA) com matriz em Palotina, oeste do Paraná, vai se estabelecer no município de Diamantino-MT.

Essa cooperativa, que já possuía uma boa experiência na área cerealista, compra a Cooamiti no início dos anos 80 e passa a apostar no plantio da soja que não seria influenciada pelas oscilações do mercado interno e do dólar.

Vieram, então, os incentivos do governo federal para o desenvolvimento da região do

médio norte de Mato Grosso, em especial para as localidades localizadas às margens da recém inaugurada BR-163.

Assim, a Coopervale, aproveitando-se desse incentivo, constrói uma nova filial no município de Nova Mutum e convoca engenheiros agrônomos do sul para auxiliar tanto os produtores que faziam parte da extinta Cooamiti quanto para os novos que estavam chegando do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Além da nova assistência técnica, a COOPERVALE também intercede pelos produtores perante o Banco do Brasil, para oferecer-lhes infraestrutura e suporte financeiro, além de reuniões para encontrar soluções para os seus problemas.

Muitos dos produtores que eram associados da COOPERVALE ou de outras cooperativas agrícolas no Sul – e que, portanto, conheciam e acreditavam no cooperativismo – começam a adquirir terras em Mato Grosso e, logo na primeira safra, passam a entregar sua produção para a COOPERVALE.

Nessa época, a cooperativa desempenhou papel fundamental e pioneiro no desenvolvimento da região, pois:

- Foi a primeira empresa receptora de beneficiadora de grão da região;
- Construiu um supermercado em cada uma das suas unidades, gerando emprego, renda e comercializando também seus produtos. Neste ponto, não se pode esquecer do que afirmam Alcía e Bernardo Drimer (1977, p. 70) quanto aos países latino-americanos: “Aún dentro de estos países y con mayor razón en todos los demás, son muy amplias las posibilidades de progreso de las entidades cooperativas. Ellas pueden abarcar, en lo sucesivo, nuevos núcleos de la población y nuevas actividades socioeconómicas”;
- Passou a intervir junto ao poder público municipal, estadual e até federal;
- Promoveu a visita dos secretários estaduais da Indústria e Comércio (Ubiratã Spinelli) e da Agricultura (Rômulo Vandonni) ao Paraná para que pudessem conhecer *in loco* o sistema cooperativista;
- Contribuiu com maquinário, combustível e até dinheiro para a abertura de estradas vicinais que permitiam o escoamento da produção;
- Obteve verbas especiais para sanar um dos grandes problemas para o avanço da agricultura na região, a acidez do solo. A correção de solo (calcário e transporte do

mesmo);

- Industrialização do arroz para torná-lo pronto para o consumo, uma vez que, antes de se plantar soja na região, só existia arroz.
- A construção de um campo experimental de 300 hect. em Nova Mutum, onde destacaram-se pelas pesquisas pioneiras os engenheiros agrônomos Luis Antonio Centenaro, Milton Docin e Aldemar Eicheld. Destaca-se ainda o trabalho de Francisco Terrazava, que desenvolvia as sementes de soja adaptadas ao cerrado.

É importante ressaltar que, para realizar estas obras, não apenas a COOPERVALE como também outras cooperativas puderam contar com o apoio da OCEMAT (Organização das Cooperativas do Estado de Mato Grosso). O então presidente, José Meirelles – que foi um dos primeiros a realizar uma visita ao Paraná – era considerado um cidadão “bem intencionado” tendo sido eleito prefeito de Cuiabá na gestão 1986-90. Ele possuía um grande interesse na área social, e ficou conhecido como o Prefeito que mais trabalhos desenvolveu nesta área.

Seria ingenuidade supor que Meirelles foi eleito apenas por ter estado à frente da OCEMAT, mas, no entanto, é possível afirmar que ele adquiriu esta consciência social trabalhando com o cooperativismo, tendo em vista que “a cooperação importa em uma combinação de auto-auxílio e auxílio mútuo, orientada no sentido da constituição de valores humanos universais” (Bogardus, 1964, p. 12).

Além de José Meirelles, que adquiriu uma experiência enquanto liderança política, ganhando destaque – é possível encontrar outros associados que se destacaram econômica e socialmente, passando inclusive a serem formadores de opinião na região. E um deles foi, sem dúvida, Serafim Ticianelli.

Até 1988, sua principal atividade era o plantio de soja, quando então passou a diversificar, também plantando e beneficiando a cana de açúcar. Para tanto, foi criada uma pequena empresa chamada Libra. Mesmo com a criação desta empresa, ele continuava a ser associado da cooperativa. Na década de noventa, em seus últimos anos de vida, estabeleceu-se no cerrado maranhense – atraindo muitos produtores consigo – plantando inicialmente soja e posteriormente cana. Após sua morte, a família continuou seu legado, criando a Agroserra, que hoje é uma das maiores produtoras de soja e cana do Maranhão.

Um dos grandes méritos de Ticianelli reside no fato de que ele nunca se desligou da

COOPERVALE, enquanto que outros grandes proprietários que ganharam destaque se afastaram da cooperativa.

Finalmente, pode-se dizer que o pioneirismo e o sucesso da própria COOPERVALE em Mato Grosso deram-se também em função da perseverança de outro personagem, Amadeu Piovezan. Mesmo trabalhando na matriz (Palotina-PR), o mesmo sempre esteve muito atento ao que ocorria em Mato Grosso, pois acreditava no desenvolvimento do cooperativismo na nova fronteira agrícola no país, sendo considerado por muitos, um dos expoentes do cooperativismo no Paraná.

Piovezan também foi um dos pregadores do 1º Princípio cooperativista, que estabelece a adesão voluntária, consciente e do livre acesso.

Sem adesão consciente, não saberá a importância dos compromissos a assumir com a democracia participante, não saberá avaliar a relevância de auto-ajuda na base da ajuda mútua e manterá uma atitude passiva, imediatista e paternalista, esperando sempre que terceiros ou o poder público assumam os riscos e custos do empreendimento, riscos e custos que cabem a ele assumir como real dono e usuário da cooperativa (Schneider, 1994, p.13).

É pertinente ressaltar aqui o fato de que a COOPERVALE – da qual Piovezan foi um dos idealizadores e fundadores – desde a sua criação, em 1969, nunca apresentou grandes problemas econômicos tanto no Paraná quanto em Mato Grosso, sendo uma das únicas que ainda dá apoio ao pequeno produtor iniciante.

Atualmente, mesmo estando em uma região de grandes produtores, a COOPERVALE ainda possui o seu nicho de mercado, especialmente entre produtores pequenos e médios, e não se dissolverá tão cedo.

O Estabelecimento das grandes empresas capitalistas na região

Depois da COOPERVALE, surgem outras jovens cooperativas – algumas ainda nos anos oitenta e outras já no início dos noventa – já em solo mato-grossense. Apresentam-se aqui três exemplos.

O primeiro é o da COOPERLUCAS (Cooperativa de Lucas do Rio Verde LTDA), que surgiu em meados dos anos 80. Porém, antes de abordá-la, é necessária uma breve introdução

acerca da formação do próprio município de Lucas do Rio Verde.

Inicialmente, o INCRA realizou o assentamento de 250 famílias na localidade de Lucas do Rio Verde, sendo que cada uma tinha direito a 200 hect. Este assentamento possuía um bom projeto, pois previa a abertura de 10% da área, acesso à água facilitado, plantio assistido por uma patrulha mecanizada e um salário mínimo para cada família no primeiro ano. Infelizmente, este projeto não atinge seus objetivos, pois, apesar dos centros receptores da produção não estarem muito distantes, a má condição das estradas vicinais e a falta de interesse dos próprios assentados fazem com que os mesmos acabem por vender suas propriedades.

Depois deste episódio, é lançado o PRODECER (Programa de Desenvolvimento do Cerrado). Este programa financiava a compra de propriedades, a abertura de áreas e a construção da infraestrutura necessária. O aumento da produção passa a exigir lugares para a recepção e comercialização de produtos agrícolas. Esta situação levou a constituição da COOPERLUCAS, pois os produtores da microrregião necessitavam de uma associação que os representasse perante o governo, além de aumentar seu poder de barganha.

Nos primeiros anos, a cooperativa desempenhou bem o seu papel, preparando-se com investimentos para atender a demanda. Além dos investimentos em infraestrutura e do estabelecimento em Tapurah e Groslândia, houve também uma contratação de novos profissionais na área financeira, comercial e agrícola.

Com o passar do tempo, alguns associados bem sucedidos acabaram por comprar as áreas de outros que não tiveram tanta sorte, tornando-se assim proprietários maiores e, conseqüentemente, não vendo mais vantagens em fazer parte da cooperativa. Juntou-se a este fato outro elemento negativo para a COOPERLUCAS, que foi o estabelecimento na região de grandes empresas do ramo como, Ceval, Sadia, Cargil e Coimbra, que tornaram a concorrência mais acirrada, deixando a demanda maior do que oferta.

Por fim, a derrocada se deu por um erro estratégico na gestão da cooperativa. Haja vista que foram feitos grandes investimentos em infraestrutura, a COOPERLUCAS possuía uma capacidade ociosa para o recebimento da safra, tendo uma remuneração do seu quadro de ativos para fazer e compromissos financeiros que tinham sido assumidos. A solução encontrada pela diretoria foi a de oferecer preços atrativos, mas que estavam fora da realidade do mercado.

“A maioria dos fracassos nas organizações cooperativas não se deveu provavelmente à

falta de espírito cooperativo, mas sim à falta de visão empresarial, de conhecimento do mercado e de visão técnico-administrativa” (Schneider, 1994, p. 7).

Desta forma, percebe-se que a “quebra” da COOPERLUCAS começava a se dar mais pela falta de experiência de seus diretores que pela corrupção na diretoria da cooperativa.

A imagem das cooperativas começa a ficar desgastada justamente neste período, em que a má administração e erros estratégicos das mesmas, associado ao estabelecimento das grandes empresas na região, levam muitos grandes produtores a buscar outras alternativas para o destino de sua produção.

Em outras palavras, quando se procura uma explicação para a não participação de muitos produtores nas cooperativas agrícolas da região, pode-se dizer que: em primeiro lugar, as cooperativas não estavam, desde o início, próximas fisicamente dos grandes produtores rurais da região, que passaram a entregar sua produção para as empresas privadas, haja vista que estavam vendo as cooperativas serem mal-administradas; e, em segundo lugar, as propriedades rurais em Mato Grosso possuem um tamanho muito maior do que as do sul. Isto significa que o volume de produção também é maior. E, quando há grandes volumes, o próprio produtor – que não sendo pequeno possui condições financeiras de construir sua própria infraestrutura – passa a realizar ele mesmo o beneficiamento inicial⁴ dos seus produtos.

O segundo exemplo é o da COOASOL (Cooperativa agrícola de Sorriso LTDA), que surgiu no início dos anos noventa, e possui uma história um pouco diferente.

Suas diferenças para a COOPERLUCAS, por exemplo, residem no fato de que não foram feitos grandes investimentos e, nos anos iniciais, passou por muitas dificuldades. Nessa época, já se podia notar o claro domínio do mercado pelas grandes empresas anteriormente citadas que detêm até hoje o *share*⁵ do mercado na região.

Entretanto, nos anos seguintes, a COOASOL serviu de cobaia para uma manobra pouco convencional, e as coisas começaram a desandar quando foi eleito um presidente que não era “do ramo”. Isto ocorreu porque a diretoria da cooperativa e outras pessoas da cidade tinham a função manifesta de que o mesmo fosse candidato a prefeito. Isto fez com que sacrificassem a credibilidade da cooperativa, acreditando que a presidência traria visibilidade

⁴ Entende-se por beneficiamento inicial a colheita o transporte, recepção, secagem e armazenamento dos produtos que estarão prontos para serem comercializados.

⁵ No jargão do agribussines, significa o percentual que cada empresa detém no mercado sobre a produção.

ao seu candidato. O resultado foi uma função latente, pois o presidente da COOASOL não foi eleito prefeito de Sorriso justamente por não ter feito uma boa administração na cooperativa.

Finalmente, o principal credor da cooperativa, que era o Banco do Brasil, não vê outra saída senão repassar a dívida para os associados. A partir daí, a COOASOL viveu um período de estagnação, e permaneceram em seu quadro de associados apenas os pequenos produtores da microrregião de Sorriso.

No início dos anos 2000, a COOASOL passa a receber cada vez mais o ingresso de pequenos produtores, passando por um processo de “reconstituição”; talvez em busca da forma de constituição clássica de uma cooperativa, onde “[...] buscaron entonces soluciones que se basaran en la asociación, para compensar la debilidad individual de sus componentes con la fuerza de su número” (Drimer e Drimer, 1977, p. 49).

Desta maneira, ela se mantém até hoje com baixa taxa de crescimento e com certa dificuldade, mas pode contar com associados fiéis no seu reduzido quadro.

Por fim, a terceira experiência a ser abordada é considerada um bom exemplo na região. Localizada na cidade de Boa Esperança, a COOAMBE (Cooperativa Agrícola Mista de Boa Esperança LTDA) também surgiu no início dos anos noventa. Trata-se de uma pequena cooperativa que vem cumprindo o seu papel, pois auxilia principalmente os pequenos produtores na medida em que repassa o crédito a eles, criando uma relação de confiança mútua. Além disso, sua diretoria é composta por produtores rurais que possuem bom conhecimento acerca da administração de cooperativas.

A COOAMBE também mantém um depósito de insumos agrícola, o que facilita a vida de seus associados, uma vez que os mesmos não precisam se deslocar até os grandes centros para adquiri-los.

Passado e presente: O custo dos pioneiros e o empresário cooperativo.

Os primeiros agricultores que se estabeleceram, bem como as primeiras cooperativas que surgiram no médio norte de Mato Grosso, encontraram uma região que, até então, era considerada um “vazio demográfico”. Isto significa que não existia o mínimo de benfeitorias. Luz elétrica ininterrupta, estradas (asfaltadas e não asfaltadas), escolas, telefonia, segurança pública, hospitais, casas bancárias, cartórios etc. O atendimento dessas carências levou a maciços gastos, que são consequência do “custo do pioneirismo”. Dentro desse custo, pode-se

ainda somar o risco de fracassos por falta de experiência e o próprio sacrifício pessoal e desgaste emocional, traduzidos pelo sentimento de isolamento, saudade da terra natal, dos parentes e dos amigos (Gianezini, 2006).

No caso do médio norte de Mato Grosso, o custo do pioneirismo foi ainda maior, pois, a colonização e realização de várias benfeitorias em muitas cidades ficaram sob a responsabilidade de empresas colonizadoras privadas, que, muitas vezes, não cumpriram com o seu papel, repassando a conta para os moradores, proprietários rurais e até cooperativas.

Aproximadamente 150 anos de história, e um contexto muito distinto, separam esses pioneiros dos “Probos Pioneiros de Rochdale”. Entretanto, guardadas as devidas proporções, pode-se dizer que “o pessoal do médio norte de Mato Grosso” encontrou dificuldades semelhantes às dos *probos pioneiros* no que tange ao desafio de prosperar “a partir do nada”.

Atualmente, um novo agente econômico – denominado no texto do professor Panzutti de empresário cooperativo – vem sendo considerado como um empresário de mentalidade de trabalho ou prática produtiva, pelo fato deste ser o motivo que o leva à organização cooperativa, ou seja, a atividade econômica. Assim, sua expectativa será uma expectativa de prestação de serviços por parte da cooperativa, em detrimento do capitalista, que é o lucro.

Este empresário cooperativo “se associa para utilizar os serviços da sociedade e não para obtenção de um dividendo de capital. Evidentemente, ele visa ampliar seus lucros particulares apropriando-se do lucro do intermediário” (Panzutti, 2001, p. 17).

As empresas cooperativas que estão sendo levadas a cabo por estes novos agentes,

[...] estão situadas entre as economias particulares dos cooperados, de um lado, e o mercado, de outro, aparecendo como estruturas intermediárias que congregam interesses comuns. Elas não possuem, assim, do ponto de vista econômico, uma existência autônoma e independente dos seus membros, como ocorre nas sociedades de capital, mas surgem como organizações intermediárias postas a serviço da satisfação das necessidades das economias particulares dos cooperados (Jank e Bialoskorski, 1994, p. 4).

Considerações finais

Movido pela tarefa de elaborar um trabalho final sobre a disciplina *doutrina e direito cooperativo*, surgiu a ideia de realizar um sucinto estudo e um breve registro da história das cooperativas agrícolas do médio norte de Mato Grosso. Apesar do tempo exíguo para realizá-

lo, foi possível contar com as informações e comentários de agentes sociais que vivenciaram este processo, tanto como gerentes de cooperativa quanto como associados produtores rurais.

Mesmo que não fosse esse um dos objetivos iniciais, lamenta-se o fato de não ter tido maiores condições de aprofundar o estudo, como, por exemplo, obter dados e estatísticas acerca do número de associados de cada cooperativa, quais eram os critérios para a adesão, o poder de voto, dentre outros aspectos mais intrínsecos.

Por isso, acredita-se ser importante também esclarecer que o trabalho original e este artigo, em momento algum, pretenderam ser uma versão acabada do estudo e registro do processo de desenvolvimento cooperativo do médio norte de Mato Grosso.

Com relação à parte teórica, acredita-se que foi possível contar com bons textos que serviram de orientação. Mesmo não tendo se valido, para fins de elaboração deste artigo, de todos estes textos que foram discutidos na ocasião, não se pode deixar de citar a importância do papel *dos precursores do pensamento econômico cooperativo*⁶ e a relevância dos princípios cooperativistas que foram estudados: Adesão voluntária e consciente; Gestão e controle democrático; Pagamento de juro limitado ao capital; Distribuição do excedente líquido na proporção das operações; Educação cooperativa; Integração e cooperação intercooperativa e Expansão cooperativa. Nem tampouco se esquecer dos cinco níveis de cooperação: nível reflexo de cooperação, nível instintivo, nível de sobrevivência, nível progressivo e, finalmente, o nível altruístico, sendo que os dois últimos seriam os mais adequados para as organizações cooperativas.

Contudo, foi possível constatar que, lamentavelmente, muitas das cooperativas agrícolas mencionadas no trabalho encontram dificuldades para seguir todos os princípios cooperativistas e, na maioria das vezes, não conseguem evoluir do nível *progressivo* para o nível *altruístico* de cooperação, isto sem contar algumas empresas que se “camuflam” de cooperativas para escapar dos impostos.

Por fim, acredita-se que estes exemplos não podem ser desestimulantes, pois o rápido crescimento de outras cooperativas na região também comprova que o cooperativismo ainda poderá contribuir muito para o desenvolvimento da mesma. Se não há mais espaço para as cooperativas agrícolas, existem inúmeras possibilidades para o crescimento de outras. Hoje

⁶ Vale ser destacado o estudo das contribuições de Owen; o associativismo de Fourier; o associativismo operário e as cooperativas de trabalho em Bouchez e Blanc; as cooperativas de consumo de William King; as de crédito em Raiffeisen, entre outros.

existem na região, além da Sicredi⁷, exemplos de cooperativas habitacionais, educacionais, de trabalho e de serviço que são bem sucedidas e merecem um atencioso estudo *in loco*.

Referências

- BOGARDUS, E.S. 1964. *Princípios de Cooperação*. Rio de Janeiro, Lidador, 90 p.
- DRIMER, A.K.; DRIMER, B. 1977. *Manual de cooperativas*. Buenos Aires, Intercoop, 335 p.
- GIANEZINI, M. 2006. Condição de classe e mobilidade social em uma das novas fronteiras agrícolas do Brasil. In: F. PICOLO (org.), *Do pedagógico ao Econômico*. Sinop, Unemat, p. 150-159.
- JANK, M.S.; NETO, S.B. 1994. *Comércio e Negócios Cooperativos*. Trabalho apresentado na Assembléia Regional das Américas da Aliança Cooperativa Internacional. São Paulo.
- MIDGLEY, S. 1995. Social Developments: the developmental perspective in social welfare. London, Sage Publication. In: D. M. MAIA, *Cooperativa popular no desenvolvimento social e humano*. Disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/posteres/GT06-3351--Int.pdf>, acesso em: 02/10/2007.
- PANZUTTI, R. 2001. Contribuição para teoria cooperativista. In: ENCONTRO DE PESQUISADORES LATINO-AMERICANOS, II, Buenos Aires, 2001. *Anais...* p. 10-20.
- SANTOS, B. de S. (org). 2002. *Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 515 p.
- SCHNEIDER, J.O. 1994. A doutrina do Cooperativismo nos tempos atuais. *Cadernos CEDOPE, Cooperativismo e o desenvolvimento Rural e Urbano*, 6(12):7-23.

⁷ Sigla representativa do Sistema de Crédito Cooperativo, o SICREDI é formado pelas Cooperativas de Crédito Singulares. Opera com 127 cooperativas e mais de 1.000 pontos de atendimento em dez Estados brasileiros (Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Tocantins, Pará, Rondônia, Goiás e São Paulo).